

ENSINAR E APRENDER EM PAULO

*Augustus Nicodemus Lopes**

RESUMO

O uso que o apóstolo Paulo faz em suas cartas de verbos que exprimem a idéia de ensinar e aprender reflete uma visão de educação cristã que pode servir de referência para as modernas escolas confessionais. Uma análise desses verbos revelará que para o apóstolo o ensino era o principal meio de instrução das comunidades cristãs, pelo qual os conteúdos do cristianismo eram transmitidos com autoridade por pessoas capazes, com o fim de promover o conhecimento de Deus e transformar vidas.

PALAVRAS CHAVES

Educação; Paulo; Escolas cristãs; Ensinar; Aprender; Confessionalidade.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste breve estudo exegético é analisar as palavras que Paulo mais emprega em seus escritos para descrever a atividade educacional (palavras freqüentemente traduzidas por ensinar, aprender, receber e transmitir, entre outras), entender o uso que ele fez desses termos e identificar suas possíveis implicações para a educação em instituições cristãs de ensino.

Estamos conscientes das limitações de um estudo dessa natureza, a começar do fato de que Paulo, ao escrever sobre educação, não tinha em mente o ambiente formal de educação que caracteriza as escolas modernas e nem o fato de que hoje esse ambiente é regulado por normas elaboradas por um estado

* Augustus Nicodemus Lopes é pastor presbiteriano, mestre em Novo Testamento e doutor em Estudos Bíblicos e Hermenêutica. É Chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie e professor de Novo Testamento no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper.

laico.¹ Todavia, há princípios que regem todo esse processo que têm natureza universal e permanente, princípios esses que transparecem das Escrituras, e que podem, com as devidas contextualizações, servir de norte para os educadores cristãos de hoje. É nessa confiança que oferecemos este ensaio.

Vamos nos valer da classificação de domínios semânticos feita por Louw e Nida no valioso *Greek-English Lexicon of the New Testament based on Semantic Domains*.² No domínio “Comunicação” encontraremos perto de 50 conceitos contendo palavras que das mais variadas maneiras expressam a idéia, o ato e as conseqüências da comunicação no Novo Testamento. Dentre esses conceitos, em nossa opinião, os seguintes estão mais proximamente relacionados com a idéia de educar: interpretar, informar, pregar, avisar, advertir, aconselhar, recomendar, debater, argumentar e, obviamente, ensinar. Sem dúvida, existe uma sobreposição entre as dezenas de palavras que se encaixam nesses domínios semânticos, a ponto de algumas delas poderem ser consideradas como praticamente sinônimas. Dessa forma, um estudo detalhado do conceito de educar como um sub-campo da idéia de comunicação no Novo Testamento certamente se tornaria muito maior do que os limites de um artigo como este. Sendo assim, enfocaremos as palavras que caem dentro da rubrica “ensinar”, o conceito mais diretamente ligado ao tema geral desta edição da revista *Fides Reformata*. Dentro desse campo, estão listadas 26 palavras gregas que são usadas no Novo Testamento para expressar, de alguma forma, o conceito de “ensinar”. Entre os verbos, os mais conhecidos são: διδάσκω (didásko), κατηγέω (katechéo), παιδεύω (paidéuo), σφρονίζω (sofronízo), ὑποτίθεμαι (hupotíthēmai), νοουθετέω (nouthetéo), παραλαμβάνω (paralambáno), παραδίδωμι (paradídōmi) e μανθάνω (mantháno), com seus cognatos e derivados.³ Eles ocorrem em praticamente todos os livros do Novo Testamento e obviamente em grande parte da literatura paulina. O que o uso deles por parte do apóstolo, a sua escolha dos termos para “ensinar”, nos revela sobre suas ideias e conceitos quanto a isso?

¹ É preciso salientar, todavia, que as autoridades educacionais brasileiras, através do Artigo 20 da Lei de Diretrizes e Bases, reconhecem as instituições de ensino confessionais, definindo-as como “as que são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas que atendem a orientação confessional e ideologia específicas”.

² LOUW, J. P.; NIDA, E. A. *Greek-English lexicon of the New Testament based on semantic domains*. 2 vols. New York: UBS, 1988. Essa obra integra, juntamente com outras, a ruptura quanto ao modelo tradicional de estudos bíblicos que focava na análise diacrônica dos termos gregos e oferecia um estudo dos significados com base no acúmulo de sentidos que uma determinada palavra obteve no decorrer de sua história. A abordagem sincrônica adotada por Louw e Nida reflete a tendência cada vez mais dominante nos estudos bíblicos de usar com cautela estudos estritamente diacrônicos. Ver sobre esse debate CARSON, D. A. *A exegese e suas falácias: perigos na interpretação da Bíblia*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1992; SILVA, Moisés. *Biblical words and their meaning: an introduction to lexical semantics*. Grand Rapids: Academic Books, 1983.

³ As palavras em grego são acompanhadas da transliteração livre em português, entre parênteses, como auxílio aos leitores que não estão familiarizados com a língua grega.

1. O CONTEXTO DE PAULO

Antes de analisarmos os termos que Paulo escolheu para expressar conceitos como ensinar, aprender, etc., devemos nos lembrar como a educação era feita em sua época e o que ela significava. A educação de Paulo foi primariamente judaica.⁴ Na cultura judaica, quer na Palestina ou na Dispersão, o aprendizado acontecia muito cedo, seguindo os preceitos encontrados na própria Escritura quanto a educar e treinar a criança desde a mais tenra idade. A educação incluía transmissão de conteúdo, no qual a Lei era ensinada e memorizada (Gn 18.19; Dt 6.6-8; 11.19); disciplina e correção quando os alunos se mostravam desobedientes e contumazes (Dt 21.18-21; Pv 13.24; 19.18; 22.15); formação de caráter mediante experiências pessoais de vitória e fracasso (Ex 10.2; 13.8), num ambiente de autoridade em que os filhos eram treinados pelos próprios pais (Ex 12.26-27; 13.14; Dt 6.6-8; Sl 78.3-4; Pv 1.8), que deveriam igualmente servir de exemplo (Dt 4.9; Pv 20.7) e pelos mestres de Israel, *a posteriori*, quando avançavam no conhecimento da Lei (Js 8.35; Sl 119.99; Pv 5.13). Esse sistema, baseado na autoridade dos pais e dos mestres, e cuja finalidade era treinar as crianças na lei, costumes, práticas e conhecimento do mundo, era controlado acima de tudo pelo temor a Deus, considerado o princípio da sabedoria (Sl 34.11; Pv 1.7). A observação demonstrava que era um sistema que geralmente funcionava (Pv 22.6).

Os judeus da Dispersão, como era o caso de Paulo, estavam expostos a outras culturas e conteúdos, outras cosmovisões e religiões. Além de serem educados no conhecimento da Lei e dos costumes judaicos, aprendiam os costumes dos gentios, sua literatura e até mesmo sua religião. Esse processo ocorria mediante a socialização, que era restrita por causa das leis alimentares que impediam maiores contatos com gentios.⁵ Alguns judeus, como Filo de Alexandria, obtinham uma educação gentílica formal (no caso de Filo, em filosofia), provavelmente freqüentando as escolas de filosofia e artes disponíveis

⁴ Algumas escolas no passado defenderam que as origens do pensamento de Paulo seriam encontradas no mundo helênico, como a Escola das Religiões Comparadas de Tübingen, Alemanha. Todavia, essa tese tem sido largamente abandonada hoje pela erudição moderna, que tende a localizar as origens do mundo intelectual de Paulo no judaísmo da Dispersão, com fortes influências do judaísmo da Palestina através de Gamaliel. Sobre isso, ver RIDDERBOS, Herman. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 2004, p. 30-34; CARSON, D. A., et al. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 242-244.

⁵ Sobre o judaísmo da Dispersão, ver STERN, M. The Jewish diaspora, p. 117-183; SAFRAI, S. Relations between the diaspora and the land of Israel, p. 184-215; APPLEBAUM, S. The organization of the Jewish communities in the diaspora, p. 464-503; todos em: SAFRAI, S.; STERN, M. (Orgs.). *The Jewish people in the first century*. In: *Compendia Rerum Judaicarum ad Novum Testamentum*. Section One. Philadelphia: Fortress Press, 1974.

nos grandes centros da época.⁶ Nesses centros, eles entravam em contato com sistemas e processos pedagógicos associados às diferentes escolas gregas, como o neoplatonismo e sua maneira peculiar de ver e entender o mundo. Devemos nos lembrar de que Paulo era um homem de dois mundos, o mundo judaico e o helênico, quando iniciarmos nosso estudo do uso e escolha que ele faz dos termos para expressar o conceito de educação.

2. OS VERBOS PARA “EDUCAR” E APRENDER EM PAULO

2.1 Διδάσκω (*didásko*)

Paulo emprega esse verbo 16 vezes em seus escritos.⁷ Ele pode ser traduzido como “ensinar” na quase totalidade dessas ocorrências, e algumas vezes como “aprender”, “ser instruído” e similares, quando usado na voz passiva.⁸ Paulo emprega διδάσκω (*didásko*) em contextos em que é usado praticamente como sinônimo de κηρύσσω (*kerússo*), “proclamar” (Rm 2.21), νουθετέω (*nouthetéo*), “admoestar” (Cl 1.28; 3.16), αὐθεντέω (*authentéo*), “exercer autoridade” (1Tm 2.12), παραγγέλλω (*paraggéllō*), “ordenar” (1Tm 4.11), παρακαλέω (*parakaléō*), “recomendar” (1Tm 6.2), παρατίθημι (*paratíthēmi*), “transmitir” (1Tm 2.2), παιδεύω (*paidéuo*), “disciplinar” (2Tm 2.24-25), o que indica que o termo era usado pelo apóstolo de forma ampla.

O emprego que Paulo faz do termo permite algumas observações. “Ensinar” era o principal método de Paulo instruir as igrejas (1Co 4.17; Cl 1.28). O termo διδάσκω (*didásko*) significa claramente para ele prover instrução, transmitir conteúdos (Cl 2.7). As tradições do evangelho, isto é, suas doutrinas, eram transmitidas por ele oralmente ou por escrito, através de suas cartas (Gl 1.12; 2Ts 2.15; 2Tm 2.2). As verdades e conceitos do evangelho podem e devem ser ensinados a todos. É isso que os fará perfeitos em Cristo. Essa era a missão que Paulo havia recebido da parte de Deus como apóstolo (Cl 1.28).

Paulo emprega διδάσκω (*didásko*) para designar o ensino formal e normativo a ser feito nas igrejas pelos presbíteros (1Tm 2.12; 4.11; 2Tm 2.2). Nesse contexto do ensino formal nas igrejas, Paulo não permite que a mulher ensine com autoridade de homem, uma referência ao oficialato (1Tm 2.12), o que demonstra que, para o apóstolo, o ensino deve ser exercido por pessoas desig-

⁶ Sobre Filo, ver SANDMEL, Samuel. *Philo of Alexandria*. Oxford: Oxford University Press, 1979; RUNIA, David T. Philo in early Christian literature: a survey. In: *Compendia Rerum Iudaicarum ad Novum Testamentum*. v. 3. Filadélfia: Fortress Press, 1993, p. 63-86; SELTZER, Robert M. Povo judeu, Pensamento judaico. v. 1 – A experiência judaica na história. In: KOOGAN, A. (Org.). *Série Biblioteca Enciclopédica Judaica*. Rio de Janeiro: Santuário, 1990, p. 186-94.

⁷ Nossa pesquisa será feita no *Novum Testamentum Graece*, Nestle-Aland, 27th Edition, 1993. Deutsch Bibelgesellschaft, Stuttgart, utilizando o software Bible Works 7.

⁸ Cf. ABBOTT-SMITH, G. *A manual Greek lexicon of the New Testament*. Edinburgh: T&T Clark, 1977, p. 113-114; ARNDT, William F.; GINGRICH, F. Wilbur. *A Greek English lexicon of the New Testament and other early Christian literature*. Chicago: University of Chicago Press, 1979, p. 192.

nadas para esse fim com autoridade.⁹ Essa relação entre ensino e autoridade transparece nessa mesma carta, quando Paulo manda que Timóteo “ordene e ensine” aos fiéis as coisas que o apóstolo lhe transmitiu (1Tm 4.11).

Todavia, isso não significa para o apóstolo que o ensino só pode ser feito pelas autoridades eclesíásticas em ambiente formal. Ensinar é principalmente um dom do Espírito (que deve ser exercido com esmero e dedicação, Rm 12.7) e pode ser exercido por todos os cristãos, mutuamente (Cl 3.16). Todavia, é preciso cautela, pois falsos mestres pervertem casas inteiras mediante o “ensino”, por motivações falsas (Tt 1.11).

No contexto dos relacionamentos cristãos, “ensinar” ocorre junto com “recomendar”, “exortar,” “confortar” ou “aconselhar”, como se essas atividades fossem sinônimas (1Tm 6.2; Cl 3.16; cf. ainda Tt 1.9), o que aponta para a finalidade prática do ensino. Διδάσκω (didásko) é usado para indicar que o ensino tem como alvo a mudança de comportamento (Cl 1.28; 2.7). Outra evidência de que Paulo tinha esse alvo prático em mente é seu uso em Romanos 2.21. Ali διδάσκω (didásko) é usado por Paulo no contexto do ensino e aprendizado da lei de Moisés por parte dos judeus. Os judeus costumavam ensinar a outros essa lei, inda que não a praticassem, o que merece reprovação de Paulo, por terem aprendido em vão.

Em resumo, διδάσκω (didásko) expressa a transmissão autorizada de conteúdos visando à transformação intelectual e prática dos ouvintes.

2.2 Μανθάνω (*mantháno*)

Esse verbo ocorre com a mesma frequência de διδάσκω (didásko) nas cartas de Paulo (16 vezes). Ele significava originalmente “dirigir a mente para um alvo”, daí a idéia de aprender, descobrir.¹⁰ É traduzido na maioria das vezes por “aprender”.

Paulo o emprega várias vezes como sinônimo ou tendo o mesmo sentido de “receber” alguma coisa pelo ensino, pelo exemplo ou por escrito. Aprender é receber e acolher a doutrina cristã (Rm 16.17), os ensinamentos e os exemplos cristãos (1Co 4.6; Fp 4.9; 2Tm 3.14), ser instruído (e acolher essa instrução) por alguém nas verdades do Evangelho (Cl 1.7).

O alvo do “aprender” é chegar ao conhecimento da verdade (2Tm 3.7). Todavia, o aprendizado sugerido por μανθάνω (mantháno) não é sempre de natureza teórica ou intelectual. O termo é usado para se referir ao aprendizado

⁹ Sobre ordenação de mulheres cristãs ao presbiterato e pastorado das igrejas locais, ver LOPES, Augustus Nicodemus. *Ordenação de mulheres: que diz o Novo Testamento?* São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1997; e LOPES, Augustus Nicodemus. *A Bíblia e sua família*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

¹⁰ Cf. FRIBERG, Barbara; FRIBERG, Timothy. “μανθάνω”. In: *Analytical lexicon of the Greek New Testament*. Baker Books 2000, Electronic edition.

prático, no dia a dia, do comportamento e atitudes próprias ao cristão. Paulo havia “aprendido” a viver contente tendo falta ou tendo bastante (Fp 4.11). Os filhos devem “aprender” a sustentar a mãe carente (1Tm 5.4). E as viúvas ociosas “aprendem” o que não devem se ficarem de casa em casa (1Tm 5.13).

À semelhança de διδάσκω (didásko), o termo μανθάνω (mantháno) é usado no contexto do ensino formal, denotando receber instruções, aprender com submissão (1Tm 2.11; Cl 1.7). Todavia, pode-se aprender em outros ambientes. Paulo usa o termo para dizer que as mulheres cristãs podem “aprender” através do marido crente, interrogando-os em casa, para não se envolverem nas discussões públicas onde os profetas eram questionados (1Co 14.29-35, ver v. 35).¹¹

Em resumo, μανθάνω (mantháno) aponta para a necessidade do acolhimento mental e espiritual por parte do aluno, para que ele possa aprender e chegar ao conhecimento da verdade.

2.3 Παραλαμβάνω (*paralambáno*)

Esse termo ocorre 11 vezes nas cartas paulinas. Literalmente, significa levar ou trazer alguém ou alguma coisa ao lado. Daí, o termo é usado para denotar a recepção de instrução de alguém, instrução do tipo que se transmite por tradição. Em resumo, o termo expressa a idéia de receber instrução tradicional.¹²

Paulo emprega o termo quando deseja dizer que “aprendeu” o evangelho que prega diretamente de Deus, sem mediação humana (Gl 1.12). Esse emprego do termo ocorre no contexto de defesa de sua autoridade apostólica, o que não implica que o apóstolo negava que tinha aprendido, mediante transmissão de outros, as tradições (doutrinas) do evangelho, como seria o caso da Ceia (1Co 11.23) e dos pontos fundamentais da fé cristã (1Co 15.1; 15.3). Nesse mesmo sentido, ele emprega o termo para se referir à aceitação da sua palavra (Gl 1.9), que deveria ser vista também como palavra de Deus (1Ts 2.13).

Via de regra, o conteúdo daquilo que é “aprendido” é descrito como as tradições cristãs, tais como a Ceia (1Co 11.23), a morte e ressurreição de Cristo (1Co 15.1,3), o comportamento cristão (Fp 4.9; 1Ts 4.1; 2Ts 3.6) ou o próprio Cristo (Cl 2.6). Essas tradições são transmitidas e aprendidas pela pregação e instrução (1Co 11.23; 15.1; Gl 1.9; 1Ts 2.13) e pelo próprio exemplo dos pregadores e mestres (Fp 4.9).

Em resumo, παραλαμβάνω (*paralambáno*) é usado por Paulo para indicar a educação que se faz com base na autoridade de quem a transmite oralmente e pelo exemplo, e que é recebida em confiança e assimilada pelo discípulo.

¹¹ Para uma defesa dessa interpretação, ver LOPES, A. N. O culto espiritual. São Paulo: Cultura Cristã, 1999; GRUDEM, Wayne. *O dom de profecia*. São Paulo: Editora Vida, 2004, p. 242-247.

¹² Cf. FRIBERG, “παραλαμβάνω”; LOUW, “παραλαμβάνω”.

2.4 Νουθετέω (*nouthetéō*)

Esse verbo ocorre sete vezes nas cartas de Paulo. Seu sentido literal é “colocar (alguma coisa) na mente”, daí a idéia de instruir mediante exortações, advertências, admoestações, para corrigir crenças e comportamentos.¹³ A ênfase não é tanto no conteúdo do que se procura inculcar, mas na maneira como isso é feito. Daí, a preferência por traduções como “admoestar”, “advertir”, “aconselhar”.

É um dos termos que Paulo usa para descrever o seu ministério como apóstolo de Jesus Cristo – “advertir” cada pessoa (Cl 1.28), coisa que ele fazia também por escrito, mediante suas cartas (1Co 4.14). Ele ainda usa o verbo para descrever o trabalho formal dos líderes das igrejas (1Ts 5.12; 5.14; 2Ts 3.15).

Embora o objeto dessa atividade seja, por vezes, os membros das igrejas em geral, o que se tem especialmente em vista são os insubmissos (1Tm 5.14), aqueles que não seguem o ensino apostólico (2Ts 3.15). Embora tenha tom de admoestação, correção e advertência, Paulo sempre toma cuidado para esclarecer que νουθετέω (*nouthetéō*) não implica em envergonhar a pessoa (1Co 4.14; “como irmão”, 2Ts 3.15).

O alvo de νουθετέω (*nouthetéō*) é aperfeiçoar o caráter e o comportamento dos cristãos, visando o dia do juízo (Cl 1.28). Isso, conseqüentemente, implica em instrução que visa mudar o comportamento. Pode ser feito mutuamente pelos próprios cristãos, mas pressupõe que eles estejam cheios de conhecimento para poder fazer isso (Rm 15.4).

Resumindo, νουθετέω (*nouthetéō*) enfatiza a necessidade de se instruir as pessoas mediante correção verbal, através de admoestações e advertências. Não implica necessariamente em repreensões severas que acabam humilhando e envergonhando as pessoas, mas certamente inclui apontar erros e falhas de conduta e de crença com o fim de corrigi-los, algo indispensável para uma educação integral e eficaz. Νουθετέω (*nouthetéō*) pressupõe que as pessoas são pecadoras e passíveis de erro, engano e falhas, bem como que, peça graça de Deus, elas podem aprender e se emendar. O verbo indica, à luz de seu sentido original, que isso se faz corrigindo o pensamento, a mente, colocando-a na direção certa.¹⁴

¹³ Cf. LIDDELL, H. George; SCOTT, Robert. “νουθετέω”. In: *A Greek-English lexicon*. Oxford: University Press, 1996. Eletronic version.

¹⁴ O sistema de aconselhamento bíblico “noutético” é embasado no sentido de νουθετέω (*nouthetéō*). Cf. ADAMS, Jay E. *Competent to counsel*. Phillipsburg, Nova Jersey: Presbyterian and Reformed, 1970; ANDERSON, Neil T. *Helping others find freedom in Christ*. Ventura, Califórnia: Regal, 1995; CRABB, Larry. *Effective biblical counseling*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1977.

2.5 Παιδεύω (*paidéuo*)

O verbo vem de *παῖς* (pais), criança, e era usado no grego clássico para “treinar uma criança”, o que envolvia a idéia de castigar, disciplinar, corrigir com o objetivo de educar. Na Septuaginta, o verbo aparece mais de 50 vezes, algumas delas referindo-se à correções, inclusive feitas pelo próprio Deus, mediante punição física, males e calamidades (Lv 26.18; Dt 21.18; 22.18; 1Re 12.11; Sl 39.11; Pv 19.18; etc.). No Novo Testamento é usado no sentido de açoitar (Lc 23.16,22), ser corrigido por Deus mediante males (1Co 11.32; Hb 12.6; Ap 3.19).¹⁵ Usado na voz passiva, significa “aprender”. Paulo emprega o termo cinco vezes, e sempre com a idéia de aprendizado mediante correção imposta por males e castigos.

Assim, ele usa o termo para indicar o aprendizado produzido pela ação de Deus mediante sofrimentos visando a correção e a salvação de seus filhos (1Co 11.32). É interessante que Paulo atribui esse tipo de educação produzida por Deus à manifestação da graça salvadora (Tt 2.12), o que indica que na mente do apóstolo a educação feita mediante exortações e reforçada por ações disciplinares não eram necessariamente fruto da ira de Deus, mas de sua graça. Ainda nesse contexto de graça e misericórdia, Paulo fala da ação dos servos de Deus na correção dos desviados mediante a disciplina, a qual, pela misericórdia de Deus, pode ser usada para que os mesmos se corrijam e passem a conhecer plenamente a verdade (2Tm 2.25).

Curiosamente, ele emprega o mesmo termo para indicar o aprendizado produzido pela ação de Satanás, mediante sofrimentos, que afinal é usada por Deus para corrigir os blasfemos. Ele entrega heréticos a Satanás para que, assim, “aprendam” a não blasfemar (1Tm 1.20; cf. 1Co 5.5).

Em suma, *παιδεύω* (*paidéuo*) se refere a um aspecto da educação nem sempre agradável e certamente muito mal visto em nossos dias, que é o uso da disciplina, não necessariamente física, no processo educativo. Lembremos que esse aspecto pressupõe a natureza caída e rebelde do ser humano, a qual não se sujeita voluntariamente à verdade, bem como a graça de Deus, que em vez de nos abandonar ao próprio destino e rebelião, vem misericordiosamente ao nosso encontro nos disciplinar, visando nossa salvação e crescimento.

2.6 Outros termos

Há alguns outros termos que Paulo emprega para descrever o ensino e o aprendizado em suas cartas, e que aparecem com freqüência bem menor e às vezes somente uma vez. Entre eles destacamos, em primeiro lugar, *κατηχέω* (*katechéo*) que significa originalmente produzir um som alto, ressoar alguma coisa, o que consolidou seu emprego na literatura bíblica como instruir prima-

¹⁵ Cf. FRIBERG, “*παιδεύω*”; LIDDEL-SCOTT, “*παιδεύω*”; LOUW, “*παιδεύω*”.

riamente com palavras, oralmente. Além de Paulo, somente Lucas o utiliza (cf. Lc 1.4; At 18.25; 21.21). Paulo o emprega para a instrução na lei feita pelos judeus, com o fim de conhecer a vontade de Deus e aprovar as coisas excelentes (Rm 2.18), e para o processo pelo qual os novos fiéis são disciplinados (Gl 6.6). Só pode haver verdadeira instrução quando há entendimento intelectual (1Co 14.19). E instruir envolve a gratificação material dos instrutores (Gl 6.6; cf. 1Tm 5.17).

Mencionamos ainda σωφρονίζω (sofronízo), que significa restaurar o bom senso, moderar, controlar, e que é usado por Paulo no sentido de instrução prática informal na conduta cristã (Tt 2.4), e ὑποτίθημι (hupotíthemi), “propor”, empregado para a exposição doutrinária na igreja (1Tm 4.6).

CONCLUSÕES

Perguntamo-nos, agora, à guisa de conclusão, que implicações poderão ser tiradas da análise acima para o processo educacional a ser usado nas escolas cristãs. Lembremos que tais implicações só podem ser mencionadas de maneira limitada, pois seria uma violência aos textos analisados supor que Paulo empregou os termos para educação pensando no ambiente formal escolar. Ele visava à educação a ser feita nas comunidades eclesiais locais, que embora funcionassem em termos similares ao que se faz hoje (ministração de conteúdo por pessoas capacitadas a alunos que ali estavam voluntariamente), certamente não tinham o caráter formal das escolas.

Conscientes dessa limitação, sugerimos os seguintes pontos.

1. *O alvo maior da educação é o conhecimento de Deus.* A fixação desse objetivo fará com que tudo o que compõe a educação nas escolas cristãs seja totalmente orientado para ele: sistema de ensino, projeto pedagógico e escolha de docentes e funcionários.

2. *O alvo da educação a ser oferecida em instituições de ensino cristãs é mudar o comportamento das pessoas* e não somente passar informações para serem absorvidas de maneira intelectualizada. Esse alvo pressupõe que existe um problema fundamental com o ser humano, que é identificado na Bíblia como sendo o pecado, a natureza corrompida e degenerada do homem. Esse fator, se deixado de lado, fará com que a educação admita que o homem é bom intrinsecamente, ou que é, no mínimo, neutro moralmente e que, portanto, não carece de mudança em seu coração, mente e comportamento.¹⁶ O quanto a presunção da natureza decaída dos alunos irá interferir e influenciar todo o processo educacional de uma instituição de ensino cristã dependerá do com-

¹⁶ Cabe aqui uma menção à visão otimista da natureza humana implícita no construtivismo, que acaba influenciando e dominando toda a sua concepção do aprendizado. Cf. PORTELA NETO, F. S. O que estão ensinando aos nossos filhos? Uma avaliação teológica preliminar de Jean Piaget e do construtivismo. *Fides Reformata*, 5/1 (2000), p. 1-23.

promisso que seus dirigentes tenham para com a revelação bíblica e o preço que estarão dispostos a pagar por isso.

3. *Ensinar é visto como receber e assimilar as tradições passadas com autoridade por pessoas da geração anterior.* Essa autoridade é embasada não somente na figura daquele que ensina, mas na origem do que é ensinado. No caso das cartas de Paulo, como vimos, a autoridade reside no fato de que o conteúdo ensinado tem origem em Deus. Esse fato deve produzir submissão e acatamento da parte dos alunos (embora sem descuidar do fato de que existem falsos ensinamentos oferecidos em nome de Deus, bem como falsos mestres). Esse é mais um aspecto importante e que contrasta com alguns modelos modernos de educação, onde qualquer noção de autoridade é expurgada. Ao confundir autoridade com autoritarismo – o qual deve, sim, ser expurgado –, os conceitos pedagógicos atuais privam as escolas, professores e alunos de um referencial extremamente importante em sala de aula, que é a autoridade da verdade e da figura do professor. Um ensino feito a partir da visão cristã de mundo traz em seu bojo a autoridade do Criador.

4. *Para que alguém possa ensinar, deve ter dons e aptidões e um caráter aprovado.* A importância desse ponto não pode ser minimizada, especialmente pelas escolas cristãs que acreditam nos dois itens anteriores. A natureza da educação cristã é tal que se encontra entretecida com a pessoa do professor. Já que ela se propõe a formar integralmente seus alunos a partir de uma visão cristã de mundo, formação esta que inclui valores morais e éticos além de conceitos que dependem da revelação bíblica, há que se buscar um corpo docente que seja não somente academicamente qualificado, mas também que possa ensinar com a autoridade proveniente do exemplo de vida.

5. *Por vezes, o ensino tem de ser ministrado sob a forma de admoestação, correção e mesmo reprovação.* Acho que é aqui que temos um dos grandes contrastes entre a visão paulina de educação e as modernas teorias. Paulo admitia que por vezes a instrução por palavras, orais ou escritas, não era suficiente, sendo necessário o emprego de outras medidas. Essa visão decorria da sua concepção acerca do ser humano, como decaído moralmente, rebelde e teimoso por natureza, e que nem sempre está disposto a ouvir e aprender as coisas boas e verdadeiras de maneira voluntária. Estou longe de sugerir o retorno da palmatória à sala de aula, bem como longe estou de acreditar que as pessoas sempre se corrigem e mudam de pensamento facilmente mediante argumentos bem colocados de maneira amistosa. A pedagogia moderna reflete uma visão por demais otimista e romântica da natureza humana, que está longe da realidade facilmente perceptível. Um dos reflexos dessa visão na educação é a tendência na pedagogia moderna de sempre passar o aluno de ano, na chamada “progressão contínua”, mesmo aqueles que claramente não se submetem a estudar, aprender, serem moldados. Tal estratégia, que erroneamente pensa estar evitando a idéia de punição aos alunos, conflita

com uma visão bíblica de educação, onde o aprendizado se dá, também, por meio da disciplina e de medidas enérgicas contra a rebelião, ao lado de outras medidas persuasivas.

ABSTRACT

Paul's use in his letters of verbs that convey the idea of teaching and learning does reflect a view of Christian education that can be used by modern confessional schools as guidelines and reference. Analysis of these terms will reveal that, for the apostle, teaching was the great means through which Christian content would be transmitted to the new generations, with authority, by competent people, with the main purpose of promoting the knowledge about God and transforming lives.

KEYWORDS

Education; Paul; Christian schools; Teaching; Learning; Confessionality.